

A etimologia de “maracutaia”: revisão bibliográfica e uma outra hipótese*

The etymology of “maracutaia”: literature
review and another hypothesis

Alex Mazzanti Jr.¹

¹Universidade Estadual de Campinas
E-mail: alexmazzantijr@gmail.com



Resumo

Não é consensual a origem da palavra brasileira maracutaia. Este artigo busca, assim, fazer uma revisão bibliográfica das hipóteses existentes e, a partir de uma nova narrativa, sugerir uma hipótese adicional. Após apresentar a primeira atestação de maracutaia de que temos notícia, segue-se com a exposição de uma hipótese indígena e uma hipótese africana. Por fim, sugere-se outra possibilidade: o termo macuta (originalmente, uma moeda africana, mas usado em Gregório de Matos significando “dinheiro de pouco valor”) adquiriu, por proximidade sonora com macuto e possíveis desenvolvimentos semânticos próprios, o sentido de “mentira”, atestado em documento pernambucano do século XVIII. Seu quase sinônimo maracuta (admitidamente de parca atestação) teria também adquirido tal sentido (o que não é atestado). O uso de ma(ra)cuta em contextos como o do documento pernambucano teria levado a seu enriquecimento pragmático, de modo que significasse “o conjunto de mentiras usadas para tramar e executar negócios escusos”, expresso apropriadamente pelo sufixo -aia.

* Gostaria de agradecer à Adriana Silva Gregorut pela indicação do *podcast* que suscitou a pergunta de pesquisa deste artigo. Agradeço também aos pareceristas anônimos pelas sugestões, que contribuíram para a melhora deste artigo.

Editores-chefes

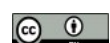
Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 03/04/2024

Aceito: 05/07/2024

Como citar:

MAZZANTI JUNIOR, Alex.
A etimologia de
“maracutaia”: revisão
bibliográfica e uma
outra hipótese. *Revista
LaborHistórico*, v.11, n.1,
e63511, 2025. doi: [https://
doi.org/10.24206/
lh.v11n1.63511](https://doi.org/10.24206/lh.v11n1.63511)



Palavras-chave:

Maracutaia. Etimologia. Linguística histórica. Língua portuguesa. Linguística.

Abstract:

The origin of the Brazilian word *maracutaia* is not consensual. This paper aims to execute a literature review of the existing hypotheses and to suggest an additional one, by means of a new narrative. After presenting the first known attestation of *maracutaia*, the article displays a hypothesis based on indigenous words, and another based on African words. Finally, a new possibility is suggested: the word *macuta* (originally an African unit of money, but used by Gregório de Matos meaning “money of low value”) acquired the meaning of “lie”, by phonetic proximity with *macuto* or by independent semantic developments. This meaning is attested in a document of the 18th century from Pernambuco. Its quasi-synonym *maracuta* (admittedly badly attested) would have acquired the same meaning (not attested). The use of *ma(ra)cuta* in contexts like that of the document from Pernambuco would have led to its pragmatic enrichment, so that its meaning changed to “the set of lies used to plot and execute shady deals”, which was properly expressed by the ending *-aia*.

Keywords:

Maracutaia. Etymology. Historical linguistics. Portuguese language. Linguistics.

Introdução

Em dezembro de 2023, o *podcast Rádio Novelo Apresenta* publicou um episódio chamado “Certidão de Nascimento”, no qual, a certa altura, uma pesquisa de cunho jornalístico era feita acerca da origem da palavra *maracutaia*. Após muitas entrevistas e a apresentação de algumas das hipóteses encontradas pela jornalista, chega-se à conclusão de que não se tem uma explicação incontroversa sobre sua etimologia. Dado esse resultado insatisfatório, busca-se, neste artigo, fazer um levantamento crítico das principais hipóteses encontradas na bibliografia, incluindo algumas não contempladas no *podcast*, e, embora não se resolva a controvérsia, sugerir um outro caminho de desenvolvimento dessa palavra.

Status quaestionis

Segundo a versão online do dicionário *Houaiss* (*s.v. maracutaia*), a primeira atestação de *maracutaia* se encontra em edição da *Folha de São Paulo* de 1975. Considerando-se as hipóteses que veremos em seguida, trata-se de uma atestação muito recente em relação a suas possíveis origens.

seis minutos {...} na trave; {...} minutos, chutamos outra vez na trave. Depois começou... A maracutaia estava feita. A transa, como a juventude chama hoje, só que na minha terra, o Ceará, chamam de maracutaia”.

“Já tinham feito o negócio, um negócio “dentro das peças”. E quando é “dentro das peças” (entre os jogadores) não tem jeito de desmanchar. A gente só percebe quando eles estão dentro de campo. E foi isso que aconteceu: meu time entregou o jogo.”

“Fiquei sabendo os detalhes mais tarde, algum tempo depois. Um dia a gente fica sabendo mesmo. Tinha diretor, jogador e juiz envolvidos. Entrou dinheiro no negócio. [...].

[...] não sei com exatidão os detalhes da maracutaia. O meu goleiro entregou a bola com a mão para um atacante do Palmeiras [...]. Não foram todos os jogadores que participaram da trama”. (No campo [...], 1975).¹

A matéria é uma transcrição da fala do técnico de futebol Alfredinho; por isso, há aspas rodeando os parágrafos. O primeiro ponto que chama a atenção é a necessidade sentida pelo falante de trazer explicações sobre a palavra *maracutaia* logo após seu uso: ele indica ser um regionalismo do Ceará e aponta um sinônimo mais corrente na região de maior circulação do jornal, ao qual voltaremos em seguida. De fato, o *podcast* supracitado usa como mote condutor e motivador da investigação jornalística o fato de essa palavra ter sido usada pelo então candidato a presidente Luís Inácio Lula da Silva, durante o processo eleitoral de 1989. Desconhecida no meio jornalístico e político nacional, o qual, sabe-se, é centrado na região sudeste e em Brasília, o uso dessa palavra causou certa movimentação à época, o que, sem dúvida, contribuiu para seu espalhamento pelo Brasil. Como é sabido, Lula é originário de Pernambuco, o que, somado à atestação acima, indica que a palavra *maracutaia* era restrita a certas regiões do nordeste brasileiro.

Um segundo ponto que chama a atenção são as paráfrases e explicações que a palavra ganha no decorrer da fala de Alfredinho. Enquanto atualmente o uso mais difundido de *transa* é o sexual, essa palavra, uma redução do vocábulo *transação*, antes significava, segundo o *Houaiss* (*s.v. transa*): “1 ajuste para a consecução de determinado fim; acordo, combinação; negócio [...] 2 questão, assunto [...] 3 maquinação para a execução de mau desígnio; trama”. Em seguida, o técnico classifica o fato narrado como um *negócio* escuso: um time de futebol não jogar para ganhar. Havia *dinheiro* envolvido na *trama*. Em suma, entende-se que *maracutaia* indica algum tipo de acordo ou negócio escuso e irregular, com alguma complexidade (uma trama,

¹ A marcação {...} indica trecho ilegível na versão digital acessada.

um plano), podendo gerar algum benefício financeiro. Tal descrição está de acordo com a definição da palavra apresentada pelo dicionário *Houaiss* (s.v. *maracutaia*): “negócio escuso, manobra ilícita (p.ex., no futebol, em política ou na administração etc.); traficância, fraude, falcatura”.

Apesar de, como já dito, relativamente recente, esse conjunto de ampliações, reformulações e desenvolvimentos da situação referida por *maracutaia* nessa mais antiga atestação nos ajuda a melhor delimitar os traços semânticos relacionados ao vocábulo, o que pode ser útil na discussão etimológica, cujos princípios encontram expressão, em língua portuguesa, por exemplo, em Viaro (2011).

Uma primeira hipótese é a da origem indígena, sugerida pelo dicionário *Houaiss* (s.v. *maracutaia*):

orig[em] duv[idosa]; prov[avelmente] do tupi, talvez composta de *marã* no sentido de ‘confusão, desordem’ + *ku* no sentido de ‘língua, órgão da fala’ + *taya* no sentido de ‘pimenta’; pal[avras] registradas em TupGN [SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*]

A composição semântica entre *confusão*, *língua* e *pimenta* para significar *negócio escuso* é um tanto inusitada e, no mínimo, cheia de arestas. Em artigo de opinião divulgado em jornal, o filólogo Geraldo Lapenda (1990) rejeita essa hipótese, entre outros pontos, pelo fato de que *kũ* seria guarani, enquanto sua versão tupi seria *apekũ*. De fato, em seu dicionário de tupi antigo, Navarro (2013) não apresenta entrada para *kũ*, apenas para *apekũ*. O dicionário de guarani de Vera (1903), por sua vez, apresenta a entrada “**cũ**. Lengua.” (cf. também Guasch & Ortiz, 1998). Tal mistura de palavra guarani com palavras tupi, segundo Lapenda, seria difícil de defender. Sugere, por sua vez, que “*maracutaia* é forma espontânea, criada sob influência da expressividade sonora em nossa língua popular.”, ou seja, seria uma criação nova e expressiva a partir de um conjunto de palavras parecidas em sentido e forma. O significado teria se fixado a partir do uso em contextos determinados. Hipóteses desse tipo não são falseáveis em si mesmas; havendo hipótese mais consistente, formal e semanticamente, esta deve ser preferida àquela. Ainda assim, em certa altura do artigo, o autor menciona, sem explorar filologicamente, o sufixo *-aia*, ao qual voltaremos adiante.

Outra hipótese é a da origem africana do termo, apresentada em Castro (2001):

MARACUTAIA (banto)(^oBR) -s.f. engodo, trapaça. Cf. **macuta**. Kimb. *ma(dia)kutola*. (Castro, 2001, p. 276).

MACUTA (banto) 1. (LP) -s. mentira. Cf. **imbondo**, **iquê**. Cf. **macute(i)ro**. Ver **maracutaia**. Kik./Kimb./Umb. (*o*)(*ma*)*kuta*.

2.º(LP) -s.f. coisa sem valor. Kik. *makuta*, antiga moeda de couro, hoje, nome da unidade monetária do Congo-Kinshasa. (Castro, 2001, p. 271).

Em suma, a autora parece indicar que há uma relação entre *maracutaia* e *macuta*, todavia não são claros os detalhes dessa relação. Não sou conhecedor das línguas africanas em questão para fazer uma avaliação bem-educada e criteriosa sobre a proposta *ma(dia)kutola*. Ainda assim, não encontrei em um conjunto de gramáticas e dicionários que consultei uma explicação para a morfologia proposta. Cf. Assis Junior (sem data), Bentley (1887), Maia (1964), Missionários do Vicariato Geral de Malange (1944), Warmenhoven (1994). Um segundo ponto é o fato de a autora ter colocado duas acepções para *macuta* sem explicações para tal. Mais à frente, essa questão será retomada.

Por fim, é necessário mencionar que consultei também um conjunto de dicionários etimológicos, a fim de verificar suas explicações para a origem de *maracutaia*. O vocabulário do português medieval de Cunha (2014), o dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi de Cunha (1978) e os dicionários etimológicos de Bueno (1968), Coelho (sem data), Cunha (2010), Machado (1952–1959) e Nascentes (1932) não apresentam entrada para a palavra. Tal ausência é compreensível, uma vez que tais obras foram feitas antes de *maracutaia* ser nacionalizada, poucas décadas atrás, conforme vimos acima, ou se referirem a períodos e origens não relacionados a ela.

Uma outra hipótese

Começemos pela porção final da palavra. Seguindo a sugestão de Lapenda (1990) mas dando um passo por ele não dado, poderíamos identificar o sufixo *-aia*, equivalente ao sufixo *-alha*, uma vez que a aproximante *-i-* e a lateral palatal grafada *-lh-* são próximas articulatoriamente e frequentemente trocadas no português falado. Lapenda cita *gandaia*, *catraia*, *laia* (as duas últimas consideradas de origem obscura pelo Houaiss s.v.). Quanto ao sufixo *-alha*, o dicionário Houaiss assim comenta:

formador de subst. femininos do lat. *-acŭla* ou *-alĭa* (como coletivos neutros plurais tomados como singulares) ou de formas de emprt. com convergência fonética; com efeito, aparece numa série de pal. de orig. român. (*batalha*, *canalha*, *medalha*, *metralha*, *muralha*, *pantalha*) e em pal. portuguesas com **ideia de coletividade**, quantidade, **com carga expressiva não raro pejorativa**: *acendalha*, *acendedalha*, *antigalha*, *antigualha*, *antiqualha*, *borralha*, *cainçalha*, *canagalha*, *caniçalha*, *cimalha*, *cisalha*, *cordoalha*, *escoalha*, *escumalha*, *fornalha*, *gentalha*, *granalha*, *igualha*, *limalha*, *migalha*, *miuçalha*,

parentalha, politicalha, rocalha, serralha, virtualha (Houaiss s.v. *-alha*; negrito meu).

Se retiramos o suposto sufixo, resta-nos *maracut-*, o que não remete a nenhuma palavra de uso corrente no Brasil de que eu tenha conhecimento. Todavia, algo similar está atestado no dicionário de Bluteau (1712–1728, s.v. *maracuta*): “MARACUTÂ. Dinheiro de Angola.”. A versão do mesmo dicionário revisada pelo brasileiro Antônio de Morais Silva (1789, s.v. *maracuta*) explicita uma relação com *macuta*, vocábulo que logo discutiremos: “MARACUTA, s. m. ou *Macuta*, moeda de cobre de Angola, que vale 10 reis.”.

O primeiro problema que nos surge é o fato de que essa entrada em dicionário, ainda que a mais antiga, foi a única atestação da palavra que consegui encontrar. Outros dicionários também a apresentam, utilizando Morais Silva como base. Em sua décima e última edição, o dicionário de Morais Silva (1949–1959) varia as definições: “**Macuta**¹, s. f. Moeda de cobre africana, do valor aproximado de um tostão. || Moeda de prata, de diferentes valores, usada antigamente em Angola.” e “**Maracuta**, s. f. Moeda angolense, que valia dez réis.”. Ainda assim, se *maracuta* de fato estiver relacionada com *maracutaia*, tal relação ocorreu em meios não oficiais, em que, ainda que viva, a língua não era atestada.

O segundo problema é que os lexicógrafos não deixam claro se a relação entre as palavras é somente por aproximação (pelo uso ou sonoridade) ou se há uma relação formal genética. Por exemplo, Machado (1952–1959) simplesmente indica: “**Maracuta**, s. De idioma africano. Em 1813, Morais².”. Seja como for, é interessante ver, tanto no sentido, quanto literalmente em Morais Silva (1789), essas palavras associadas.

Desse modo, podemos seguir investigando o vocábulo *macuta*. Em estudo sobre a influência africana no português brasileiro, Mendonça (1973, p. 145–146) aponta dois vocábulos parecidos:

MACUTA: sf.: moeda de cobre de Angola. Tem o valor de 30 réis.

ETIM.: é o quimbundo *mu*, prefixo de segunda classe + *kuta*, moeda com a dissimilação do *u* pretônico em *a*.

ABON.:

“Levou-nos o dinheiro a má fortuna,

Ficamos sem tostão, real nem branca,

Macutas, correão, novelos, molhos”

[Nota 1: G. de Matos, *Satírica*, II, 1930, p. 9.]

MACUTO: sm.: mentira, inverdade.

ETIM.: do quimbundo *má*, prefixo plural de quarta classe + *kuto*, mentira.

ABON.: foi termo usado entre os negros e hoje parece desaparecido.

Tais descrições estão de acordo com a tabela de classes de prefixos em Mendonça (1973, p. 52) e, similarmente, em Maia (1964, p. 13). As mesmas explicações sobre as palavras podem ser encontradas em dicionários, por exemplo, Matta (1893) (*sic*):

Mákûtu, s. pl. de *Rikûtu*. Estomagos. Mentiras, patranhas, petas. [...]

Múkûta, s. Moeda de cobre do valor de cinquenta réis fracos ou trinta réis fortes. Viciadamente se diz *makuta*. ‘Este valor actual de *uma macuta* equivale, com pouca diferença, ao de *dois tostões*, que B. R. d’Aragão assignava a cada pedra de sal nos principios do seculo XVII; porque n’esse tempo a moeda miuda que corria em Angola eram uns panninhos de palha chamados *libongos* à feição de guardanapos, de que cada um valia 50 réis: a primeira moeda de cobre (*macutas*) foi para lá mandada em 1694 com ordem de se pagarem 200 réis em moeda de palha: os taes panninhos, que ainda tem curso no interior, compram-se hoje em Angola por uma *quipaca* (*kipaka*) – um quarto de *macuta*.’ (Lopes de Lima). Pl. *Mikûta*.

Além disso, a gramática de Maia (1964, p. 124) indica que *makutu* (“mentira”) é um nome usado só no plural.

Assim, o que Castro (2001) anotou como duas acepções de *macuta*, em Mendonça (1973) é tido como dois vocábulos, *macuta* e *macuto*. O primeiro tem sua abonação com o sentido de “dinheiro de pouco valor”, como evidenciado, na citação de Gregório de Matos, pelas palavras ao redor, numa amplificação retórica. Tal leitura é endossada por nota de Wisnik (2010): “*ficamos sem tostão, real nem branca, / Macutas, correão, novelos, molhos*: ficamos sem nada, despojados de tudo; tostão, real, branca e *macuta* referem-se a moedas, dinheiro de pouco valor.”. A atestação em Gregório de Matos demonstra, assim, a circulação da palavra no nordeste brasileiro durante o século XVII, já com sentido deslocado, menos específico, uma vez que não se refere a Angola.

Quanto à segunda palavra, *macuto*, precisamos nos fiar na declaração de Mendonça, uma vez que o autor não oferece uma fonte para o que afirma. Existe um termo *macuto* registrado no *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006-): “os enfermos todos da casa deraõ hua grande grita dizendo, pitau hinacur **macuto** chendoo, que quer dizer, venhaõ com Deos os ministros de suas obras” (negrito meu). A tradução

oferecida pelo próprio texto em nada se adequa ao sentido que vimos acima. O excerto, por sua vez, pertence ao texto *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (ca. 1509–1583), explorador português, que relata suas viagens ao extremo oriente. Com efeito, o texto está permeado de referências orientais, de tal modo que essa atestação não é da palavra citada por Mendonça.

Consultando alguns *corpora* do português brasileiro, encontrei no *Léxico Histórico do Português Brasileiro* uma atestação de *macuta* de 1784, em Pernambuco. Ainda que longos, os trechos selecionados ajudam a contextualizar e melhor entender a ocorrência de *macuta*:

[...] O segundo supplicante, por ser mandado, eobrigado pelo seu Prelado debaixo de Santa Obediencia, como se vê das Patentes, número 2º, a tratar dos negocios da sua Religiaõ, ereprezentar em nome desta as **intrigas, conloios, conventiculos, e mancõmunhações, ordidas por Frei Vicente de Jezuz Maria**, Procurador dadita Provincia nesta Corte, tudo dirigido a fazer hum novo regimen de Prelados á sua satisfação, mancomunando-se para isso com outros Religiozos, mandando se culpassem os que tivessem voto em Capitulo, ealcançando hum Breve para Joaõ da Encarnação ser Prezidente de Capitulo, por ser hum dos Socios das **intrigas**, isto contra a vontade expressa do seu Prelado, e parte mais saã da Religiaõ. [...] Estes os motivos, porque se persuadirão os Gremiaes della, que attentas as sobreditas razões, **mancõmunhação, sublevação, obrepção, e subrepção**, comque havia sido alcançado o Breve da Prezidencia do Capitulo; estava nos termos de sepoder deixar de observar, até porser inhibida qualquer eleição emque houvesse **sobornação**, como determinaõ as ditas Constituições página 3. capitulo 24 parágrafo 6., aqual estava patente ávis da dita Carta, número 3º, edos votos, q sehaviaõ pedido, debaixo de **promessas de, Prelazias**, como igualmente se prova do documento, número 8º. [...] **dizendo, entre elles, Frei Jozé do Egypto, que tinham hũa Real Carta de Vossa Magestade**, emque ordenava se procedesse na eleição, na conformidade que elles querião; oque sendo ouvido pelo Padre Provincial Frei Manoel de Santa Thereza; hũa, e muitas vezes pedio, que se lhe apresentasse adita Regia Carta, aque se referiaõ, para lhe dar hũa fiel, e promptissima execução, como seprova do documento, número 9º, aqual não exhibirão, pela não haver, razão porque se continuou no Capitulo. Parece, Senhora, que só o referido, sem necessidade de recorrer a outras ponderações, era bastante para servir no claro conhecimento, que **a Corporação dos Supplicantes e Gremiaes não desobedecerão ao dito Breve, e Beneplacito de Vossa Magestade, como, os Adversarios dirão**. Aquelle; por ser obrepticio, subrepticio, eimpetrado, contra a vontade, e petitiõrio

do Provincial, e contra as Constituições da Ordem: **o que tudo se fosse patente, certamente se não concederia.** [...] enão para á sombra delle se nutrir a maldade, sustentarem parcialidades, enervar conventiculos, edar porta franca a **negociações**, e **particulares interesses** de alguns membros **prevaricadores**; [...] Não sem pezar do nosso coração, sevem os Gremias na triste conjuntura de fazer ver alguns defeitos de muitos dos Religiozos, que pertendiaõ, por meio da **conspiração**, elevar se ás Prelazias; [...] Certo hé, que os Adversarios accumularaõ aos Gremias, e a tento o Capitulo feito, as **macutas**, que bem lhesparecerem, eaque se dariaõ convincentes respostas, sehouverse certeza deque elas eraõ; pois hé indubitavel, que o dito Frei Vicente de Jezuz Maria há de pôr em praxe todos os meios, que poder excogitar, para ruina daquelles, e sustentação dos seus Parciaes, deque hé Chefe. **Dirá, que os Supplicants vierão sem licença, quando a obtiverão do Capitão-General**, esemotra dos documentos, número 23. Sendo certo, que na Provincia dos Supplicants, para os Religiozos virem aesta Corte, hé sô necessaria Licença daquelle, sem precisão de a pedirem a Vossa Magestade. **Dirá, que os Supplicants não prestàraõ obediência, quando o fizerão ao Provincial do Carmo desta Corte**, logo que a ella chegàraõ, na fôrma, que oseu respectivo Provincial lhes havia determinado, como se vê das suas Patentes, que offerecem, número 2º, em cujo Convento os ditos Supplicants ainda existem reclusos. (negritos e grifo meus).

O documento narra uma série de ardis perpetrados por certos religiosos para que manipulassem, por meio de conspiração, a obtenção de certos cargos, o que fica claro pelas palavras destacadas. Tais ardis se deram pelos chamados *Adversarios*, contra a *Corporação dos Supplicants e Gremias*, por meio do anúncio, por exemplo, de uma carta real nunca apresentada, além de outros artifícios escondidos e não patentes. Também ocorreram negociações, visando a interesses particulares. Nesse contexto, aparece a frase que contém o termo *macutas*. Numa primeira leitura, há certa confusão quanto aos tempos verbais e sua referência: o verbo grafado *accumularaõ*, pode estar tanto no passado, quanto no futuro. Contribui para essa dúvida, o uso não factual de *dariaõ* (inequivocamente *dariam*) e *houvesse*. Todavia, dois elementos sugerem *accumularaõ* estar no futuro. Em primeiro lugar, a correlação de tempos com *parecerem*, o qual formalmente é um subjuntivo futuro. Em segundo lugar, o fato de que os períodos seguintes, uma amplificação por exemplificação da frase de *macutas*, apresentarem o futuro *dirá*.

Posto isso, podemos interpretar a frase do seguinte modo: é certo que os adversários acumularão *macutas* contra os *gremias*, uma vez feito o capítulo com prudência, às quais se dariam convincentes respostas, se houvesse certeza de que elas [as respostas?] existiam. Segue com exemplos de mentiras que o Frei Vicente de

Jezuz Maria poderia apresentar e que seriam contestadas (respondidas) com devidos documentos existentes.

Desse modo, fica claro que o vocábulo *macutas* não se refere a moedas de pouco valor, mas a mentiras em um contexto de verdadeiras *maracutaias*, negócios escusos, conspirações para benefício próprio.

Como, então, podemos explicar esse emprego de *macuta*? Como fazer uma possível relação com *maracutaia*? Seguem algumas possibilidades.

A primeira seria um desenvolvimento semântico exclusivo de *macuta*, nos seguintes termos: uma vez introduzida no Brasil com o sentido de *dinheiro de pouco valor*, como atestado em Gregório de Matos, o termo, no âmbito das transações comerciais, pode ter passado a ser entendido como *algo de valor questionável* e, então, *algo usado para enganar* (talvez mantendo a semântica dos contextos transacionais). Sua origem em língua africana poderia ter contribuído para o surgimento do valor pejorativo, no contexto colonial de desvalorização e questionamento de elementos africanos.

Poderíamos também supor que a proximidade sonora entre *macuta* e *macuto* (seja aceitando a abonação de Mendonça, seja supondo sua vinda e uso junto a africanos) em certa altura fez com que a primeira palavra passasse a ser usada também com o sentido da segunda. Alguns dos elementos semânticos e sociais descritos no parágrafo anterior podem ter contribuído para isso. Daí termos o uso como substantivo feminino no documento de Pernambuco acima estudado. Dada essa mistura, estaria justificado Castro (2001) ter anotado ambos os sentidos como acepções de *macuta*.

Paralelamente a isso, *maracuta* teria tido seu uso continuado na língua oral e, por causa da relação com *macuta*, também adquirido o sentido de *mentira*. Como já dito, a única atestação de *maracuta* que encontrei foi nos dicionários de Bluteau e Morais Silva. Encontrar documentos atestando sua sobrevivência e uso no Brasil seria de fundamental importância para a maior qualificação da hipótese aqui apresentada. Em seguida, o uso de *ma(ra)cuta* em contextos como o do documento pernambucano, em que negócios escusos eram feitos para vantagem própria, cheios de *macutas*, pode ter gerado um enriquecimento pragmático de *ma(ra)cuta*, ou seja, sentidos oriundos dos contextos de uso do vocábulo passam a fazer parte de sua semântica. Por fim, esse sentido último, de conjunto de mentiras usadas para tramar e executar negócios escusos, encontrou expressão no sufixo *-aia*, tipicamente utilizado tanto para coletivos (no caso, de mentiras), quanto para indicar a carga expressiva pejorativa associada ainda hoje ao termo *maracutaia*.

Considerações finais

A palavra *maracutaia*, como vimos, até poucas décadas atrás, tinha sua circulação restrita a certas partes da região nordeste, sendo atestada pela primeira vez, de modo relativamente recente, em 1975, quando já se mostrava consolidada em uso e sentido. Do ponto de vista da pesquisa etimológica, temos, portanto, uma enorme

falta de dados que nos impede de traçar, de modo preciso e científico, sua origem e desenvolvimento.

Para além de uma hipótese de origem direta indígena, com problemas, e outra de origem direta africana, que não pude avaliar com rigor, busquei sugerir um outro caminho de desenvolvimento, o qual se fia em documentação do século XVII e XVIII, além de dicionários antigos, visando a remediar, ainda que muito parcialmente, o silêncio mencionado no parágrafo anterior.

Assim, chegamos à seguinte hipótese de desenvolvimento: o termo *macuta* representava, originalmente, uma moeda africana, conforme atestado em dicionários e fontes históricas, mas era usado, conforme atestado por Gregório de Matos, no século XVII, com o significado de “dinheiro de pouco valor”. Por proximidade sonora com *macuto*, palavra originalmente do quimbundo, e possíveis desenvolvimentos semânticos próprios, *macuta* adquiriu o sentido de “mentira”, o qual está atestado em documento pernambucano do século XVIII. Seu quase sinônimo *maracuta*, parcamente atestado em dois dicionários relacionados entre si com o significado similar de moeda africana, teria também adquirido tal sentido, para o que não há qualquer atestação. Por fim, o uso de *ma(ra)cuta*, sobretudo na língua oral de regiões do nordeste, em contextos como o do documento pernambucano, teria levado a seu enriquecimento pragmático, de modo que significasse “o conjunto de mentiras usadas para tramar e executar negócios escusos”, o que encontrou expressão apropriada no sufixo *-aia*, com seu valor tanto de coletivo (de mentiras), quanto de valor pejorativo, traços semânticos típicos da palavra *maracutaia*.

Referências

- ASSIS JUNIOR, A. Dicionário Kimbundu-Português. Linguístico, botânico, histórico e corográfico. Luanda: Edição Argente, Santos & Comp. Ltda., [s.d.].
- BENTLEY, W. Dictionary and grammar of the Kongo language, as spoken at San Salvador, the ancient capital of the old Kongo Empire, West Africa. London: The Baptist Missionary Society, 1887.
- BLUTEAU, R. Vocabulário portuguez e latino. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712–1728. 10 v.
- BUENO, F. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1968.
- CASTRO, Y. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.
- COELHO, F. Diccionario manual etymologico da lingua portugueza. Lisboa: P. Plantier, [s.d.].

- CUNHA, A. Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- CUNHA, A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA, A. Vocabulário histórico-cronológico do português medieval. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2014. 2 v.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. Corpus do Português: Historical Genres. 2006-. Disponível em: <http://www.corpusdportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 8 maio 2024.
- HOUAISS. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- LAPENDA, G. Maracutaia?!... Jornal do Commercio (Recife), 1990. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Maracutaia_%3F!.... Acesso em: 12 mar. 2024.
- GUASCH, A.; ORTIZ, D. Diccionario castellano-guarani guarani-castellano. Asunción: CEPAG, 1998.
- MACHADO, J. Dicionário etimológico da língua portuguesa: Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. Lisboa: Confluência, 1952–1959. 2 v.
- MACUTA. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (ed.). Léxico Histórico do Português Brasileiro. Disponível em: <https://www.uel.br/lhispb/macuta/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- MAIA, A. Lições de Gramática quimbundo (português - banto). Cucujães: Tipografia das Missões, 1964.
- MATTA, J. Ensaio de diccionario kimbúndu-portuguez. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1893.
- MENDONÇA, R. A influência africana no português do Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- MISSIONÁRIOS DO VICARIATO GERAL DE MALANGE. Elementos de Gramática de Quimbundo. Malange: Missão Católica de Malange, 1944. Disponível em: https://pml.cel.utad.pt/ViewEntry.aspx?id_entry=57. Acesso em: 12 mar. 2024.
- MORAIS SILVA, A. Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789. 2 v.
- MORAIS SILVA, A. Grande dicionário da língua portuguesa. 10. ed. rev., corr., muito aum. e atual. segundo as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de agosto de 1945, por Augusto Moreno, Cardoso Junior e José Pedro Machado. Lisboa: Confluência, 1949–1959.
- NASCENTES, A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- NAVARRO, E. Dicionário tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

“NO CAMPO, senti: o time estava vendido”. Folha de São Paulo, São Paulo, ano 55, n. 55.77, 15 ago. 1975. Disponível em: <acervo.folha.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2024.

VERA, F. Diccionario gramatical guaraní-español. Asunción: Talleres Mons. Lasagna, 1903.

VIARO, M. Etimologia. São Paulo: Contexto, 2011.

WARMENHOVEN, J. Vocabulário da Língua Kimbundu de Angola. [S.l.]: Missie informatie dienst da Congregação do Espírito Santo, 1994 [1975–1976]. Disponível em: https://pml.cel.utad.pt/ViewEntry.aspx?id_entry=46. Acesso em: 12 mar. 2024.

WISNIK, J. (org.). Gregório de Matos: poemas escolhidos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.